

Após anos com destaques das posições, Brasil sofre com as laterais

Ancelotti testou diversos jogadores nas laterais, mas perdeu favoritos por lesões

No caminho para o primeiro de seus cinco títulos da Copa do Mundo, em 1958, o Brasil teve uma jogada emblemática na vitória por 3 a 0 sobre a Áustria. “Lembro até hoje”, disse, em 2013, Zagallo, ponta-esquerda daquela equipe. Nilton Santos era o lateral esquerdo, posição então eminentemente defensiva.

“Ele arrancou para o ataque, e eu gritei: ‘Vai em frente que eu fico no seu lugar’”, recordou Zagallo. “O nosso técnico [Vicente Feola] se desesperou, mas acabou aplaudindo quando o Nilton surpreendeu toda a defesa adversária e fez o gol. A partir dali, os laterais nunca mais jogaram do mesmo jeito.”

Foi o primeiro de uma série de grandes momentos dos laterais brasileiros na construção do pentacampeonato mundial.

Em 1958 e em 1962, a direita e a esquerda eram dos históricos Djalma Santos e Nilton Santos. Em 1970, o mais belo gol do melhor time de todos os tempos foi de Carlos Alberto. Em 1994, o troféu não teria sido erguido sem uma bomba de Branco e um cruzamento de Jorginho. Em 2002, a dupla era formada pelos excepcionais Cafu e

Roberto Carlos.

Em 2026, na luta pelo hexa, os jogadores não são do mesmo nível. A seleção vive raro momento de escassez nas laterais, e o primeiro a admitir isso é o técnico Carlo Ancelotti, cujo trabalho ficou mais difícil na última semana.

Tudo indicava que ele utilizaria na direita o zagueiro Éder Militão, que foi seu atleta de confiança no Real Madrid e já executou a função. O beque de 28 anos, no entanto, teve de ser submetido a uma cirurgia na coxa esquerda e está fora da Copa do Mundo deste ano.

Se a opção inicial era um imprevisto, as alternativas, em certa medida, também o são. Wesley, de 22 anos, que surgiu como lateral direito, atua na Roma como ala esquerdo, em papel ofensivo. Danilo, de 34 anos, foi lateral em boa parte da carreira, porém hoje é zagueiro reserva do Flamengo.

Ancelotti já confirmou, antes mesmo da lesão de Militão, o nome de Danilo na relação da Copa a ser anunciada no próximo dia 18. E deixou claro que a escolha é mais ligada à experiência e ao papel como



Em péssima fase, Paulo Henrique, do Vasco, viu as chances de convocação para a Copa sumirem

líder silencioso do que à produção dentro das quatro linhas.

“Danilo é um jogador muito importante, não só em campo. É seguro que estará na lista final porque eu gosto dele. Como caráter, como personalidade, também como jogo”, disse o italiano, em clara gradação na lista de qualidades. “Entre os defensores estará o Danilo.”

Desde que assumiu a seleção, além dos já citados, o treinador con-

vocou Vanderson, 24, do Monaco, que está em recuperação de lesão; Paulo Henrique, 29, do Vasco da Gama, e Vitorino, 26, do Botafogo. Ibañez, 27, zagueiro do Al-Ahli que esteve no último chamado, também pode ser adaptado à lateral direita.

Não é tão diferente a situação na esquerda. No cenário atual, pelas indicações do comandante, os escolhidos serão os defensivos Alex Sandro, 35, do Flamengo, e Dou-

glas Santos, 32, do Zenit.

Carletto chegou a demonstrar confiança em Caio Henrique, 28, do Monaco, outro que está em recuperação de lesão. Também testou Carlos Augusto, 27, da Inter de Milão, Luciano Juba, 26, do Bahia, e Kaiki, 23, do Cruzeiro.

Há entre os corintianos um clamor por Matheus Bidu, jogador de 26 anos, talentoso com a bola no pé e em ótima fase no alvinegro paulista, mas parece altamente improvável que alguém seja levado à Copa sem nenhuma experiência anterior na seleção.

Esse é o cenário nas laterais, frágeis para o padrão histórico do Brasil. A prioridade, pelo que aponta o comandante, será dada a jogadores defensivamente sólidos, capazes de fazer desarmes e iniciar contragolpes para os atacantes velozes do time, como Vinícius Junior e Luiz Henrique.

Não será com Djalma Santos e Nilton Santos que a equipe verde-amarela buscará o troféu de 2026, como fez em 1958 e em 1962. O pôster do hexa, se ele vier, poderá ter o pouco conhecido Douglas Santos na foto, mas o importante - como já foi ressaltado diversas vezes por Ancelotti - é trazer a taça novamente.

Por Marcos Guedes (Folhapress)

Aos 19 anos, Kimi Antonelli surpreende por maturidade

Quando o chefe da Mercedes, Toto Wolff, anunciou que um garoto seria o substituto do heptacampeão Lewis Hamilton, houve questionamentos. Mas, em sua segunda temporada na F1, já com uma porção de marcas relevantes, o jovem Kimi Antonelli lidera o campeonato e surpreende pelas demonstrações de maturidade.

“Em todas as questões, ele tem lidado com sangue-frio. Consegue separar bem as situações e falar sobre o que vem à frente, não sobre o que já ficou para trás, com muita confiança, mas não excesso de confiança”, disse Wolff. “Para um piloto de corrida, além da habilidade de dirigir um carro veloz, a resiliência mental é a chave. E é isso o que o Kimi está mostrando.”

Andrea Kimi Antonelli, que só completará 20 anos em agosto, venceu três das quatro provas da temporada - a mais recente no domingo (3), no GP de Miami. Nunca alguém tão

novo havia liderado o campeonato, e, com a Mercedes aparentemente bem adaptada ao novo regulamento, parece bem realista a possibilidade de ele lutar pelo título.

“É só o começo”, afirmou Antonelli, em uma demonstração de sua confiança sem excesso. É o começo de uma disputa longa, de 22 etapas - duas, no Bahrein e na Arábia Saudita, foram canceladas por causa dos conflitos no Oriente Médio. Pode ser também o começo de uma carreira grandiosa.

Filho do piloto Marco Antonelli, que tem experiência em diversas categorias do automobilismo e hoje é dono de uma equipe na Itália, Kimi começou no kart aos sete anos e passou a acumular títulos. Em uma jornada na qual pulou etapas, chegou à F1 sem ter passado pela F3.

Integrante da academia da Mercedes desde 2019, foi anunciado como substituto de um heptacampeão mundial quando ainda não ti-



Kimi Antonelli venceu três das quatro provas de 2026

nha carteira de motorista. Foi só dois meses antes do início do calendário de 2025 que obteve a licença para dirigir carros de passeio em seu país.

A temporada de estreia na F1 teve ótimos momentos e marcas importantes. Ele pontuou nas três primeiras provas da carreira - algo que não ocorria desde 1965 -, teve a melhor pontuação de um novato no sistema atual e se tornou o terceiro mais jovem em um pódio da F1.

Também enfrentou dificuldades. O começo promissor foi seguido de um período de maus resultados. Após uma série de erros cometidos na etapa de Spa-Francorchamps, na Bélgica, adolescente contrariado, foi às lágrimas.

“Eu choro. Naquele período difícil, chorei bastante. Sofri muito, comecei a duvidar de mim mesmo. Você chega à F1, é o sonho da sua vida, algo por que você tanto trabalhou, e, depois de um grande início, passa a não render bem. Faltaram-me a compostura e a lucidez que os pilotos mais experientes têm”, observou, ao fim da temporada.

A honestidade em relação ao tema foi tratada no meio como um sinal precoce de maturidade. E Antonelli se apresentou para a disputa de 2026 com a frieza que impressionou Wolff, com resultados que o outro piloto titular da Mercedes, George Russell, não tem exibido. Após uma vitória no primeiro grande prêmio, em Melbourne, o britânico de 28 anos foi segundo em Xangai e quarto em Suzuka e em Miami.

Antonelli lidera o campeonato, com 100 pontos, seguido por Russell, com 80. O monegasco Charles Leclerc (63), da Ferrari, e os britânicos Lando Norris (51), da McLaren, e Lewis Hamilton (49), da Ferrari, completam a lista dos cinco primeiros.

O bom início de Kimi tem gerado empolgação na Itália, país tradicional da F1 que não tem um campeão desde o bi de Alberto Ascari, em 1952 e 1953. Nenhum italiano havia vencido uma corrida na prin-

cipal categoria do automobilismo desde o triunfo de Giancarlo Fisichella na Malásia em 2006.

“Para mim, não é uma surpresa”, disse o holandês Max Verstappen, tetracampeão, ainda no ano passado. “Eu vi o Kimi subindo desde o kart, estava de olho. Ele é naturalmente rápido e é um cara tranquilo, que sabe lidar calmamente com as coisas. Nos próximos anos, com certeza, vamos ver muito de Kimi.”

Nem foi necessária uma longa espera. O garoto de Bolonha já deixou claro que a ousada aposta de Toto Wolff não era absurda e demonstrou uma personalidade capaz de atrair numerosos fãs.

Em sua primeira corrida no Brasil, foi ao cemitério do Morumbi, em São Paulo, ver o túmulo de Ayrton Senna. Kimi nasceu 12 anos após a morte do ídolo brasileiro - também em um hospital de Bolonha - e diz ter se apaixonado por ele por meio de vídeos.

Após a visita à sepultura, obteve a segunda colocação no GP de São Paulo, seu melhor resultado em 2025. E doou o capacete utilizado no autódromo de Interlagos ao acervo da família Senna. “O Ayrton é meu herói no automobilismo.”

Por Marcos Guedes (Folhapress)